O Absurdo Camusiano Na Lírica De Skylab Em “E Você Vai Continuar Fazendo Música?”

Autor(res)

Patrício Lauro De Melo Neto
Hiago Jose Silveira

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

UNEMAT - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Introdução

A música popular brasileira pode ser compreendida como um campo de experimentações filosóficas. Rogério Skylab, músico e compositor carioca, é conhecido por suas letras extravagantes, com conteúdo existenciais e provocativos. Em uma de suas canções, do álbum Skylab V, denominada “E você vai continuar fazendo música?”, há um mergulho na angústia da repetição e um questionamento sobre o sentido da vida. Conceitos vistos nessa canção dialogam de maneira íntima com a filosofia do pensador franco-argelino Albert Camus, que descreve, na sua obra O mito de Sísifo, o conceito de absurdo, sendo esse a falta de sentido e o silêncio do universo perante as nossas perguntas. Camus também discorre sobre a revolta, entendida como resposta ao absurdo: “Será que existe algo mais rebelde do que realmente encontrar alegria no que deveria ser nosso castigo?” (CAMUS, 2019, p. 123).

Objetivo

O presente trabalho busca desenvolver um estudo sobre a canção “E você vai continuar fazendo música”, de Rogério Skylab, sob a ótica do conceito de absurdo apresentado por Albert Camus. Utiliza-se a obra O Mito de Sísifo, destacando como a letra expressa o confronto com a ausência de sentido e a persistência por meio da arte frente ao absurdo.

Material e Métodos

Este estudo utiliza-se do método qualitativo, com intenção analítica e interpretativa. O material aqui usado como base é a canção de Rogério Skylab “E você vai continuar fazendo música?”, do álbum Skylab V (2004). A análise se fundamenta nos conceitos de absurdo e da revolta, apresentados por Albert Camus em O mito de Sísifo (2019), explorando assim a relação profunda entre filosofia e música popular brasileira.

Resultados e Discussão

A música “E você vai continuar fazendo música?”, do álbum Skylab V (2004), se constrói quase toda em cima de uma única pergunta repetida: “E você vai continuar fazendo música?”. A repetição, longe de ser só um recurso poético, é quase uma agressão. Uma tentativa de desestabilizar, questionar e enfraquecer a insistência de quem continua criando mesmo quando tudo ao redor grita que não vale a pena. Essa repetição, presente em todas as

estrofes da música, assemelha-se ao castigo enfrentado por Sísifo, que foi condenado a rolar uma pedra montanha acima e assisti-la rolar novamente todos os dias. O absurdo está logo ali, nos primeiros versos: “Todas as gravadoras estão de portas fechadas / E você vai continuar fazendo música?”. O sujeito é colocado diante de um sistema que o rejeita, que não oferece espaço, nem dinheiro, nem perspectiva. Fazer música se torna, nesse cenário, algo sem sentido lógico. Exatamente como Camus define o absurdo: “O absurdo nasce deste confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (CAMUS, 2019, p. 46). Existe o desejo de criar, de se expressar — mas o mundo não responde. Só nega. Skylab, com essa pergunta martelada, parece ser ao mesmo tempo o questionador e o questionado. É como se dissesse a si mesmo: “pra quê continuar?” Nunca deu certo, nunca deu dinheiro, nunca teve espaço. E, mesmo assim, continua. “Nunca ganhou dinheiro, muito pelo contrário / E você vai continuar fazendo música?”. O que sobra é só a vontade, e essa vontade, mesmo inútil, não morre. Isso caminha com o pensamento de Camus: continuar mesmo sabendo que não há resposta.

No Mito de Sísifo, Camus diz que a verdadeira questão filosófica é o suicídio. Porque, se a vida é absurda, por que continuar vivendo? A arte entra nesse campo. Se ela não leva a nada, se ninguém ouve, se não paga contas, por que continuar criando? Mas a resposta de Camus é clara: “O homem absurdo é aquele que não desiste, que recusa o suicídio e escolhe a revolta” (CAMUS, 2019, p. 80). E fazer música, nesse caso, para Skylab, se torna um ato de revolta. Skylab responde ao absurdo utilizando a arte e refletindo o vazio encontrado em sua existência. Porque continuar é o que lhe resta. É como Sísifo empurrando a pedra sabendo que ela vai rolar de volta. Camus encerra dizendo: “É preciso imaginar Sísifo feliz” (CAMUS, 2019, p. 149). E é preciso imaginar Skylab feliz, mesmo sem dinheiro e sucesso.

Conclusão

A repetição insistente de Skylab é um grito de resistência. Continuar criando, mesmo diante do fracasso e da falta de sentido, é assumir o absurdo e se revoltar contra ele. Assim como Sísifo, Skylab empurra sua pedra com dignidade. A música não é uma resposta, mas um gesto: seguir, apesar de tudo.

Referências

CAMUS, Albert. O mito de Sísifo. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. São Paulo: Record, 2019.

SKYLAB, Rogério. E você vai continuar fazendo música?. In: spotify. Skylab V [mídia digital]. Independente, 2004. Acesso em: 06 ago. 2025.